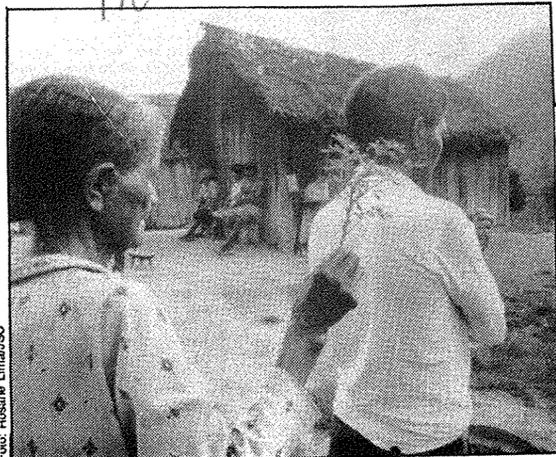


Miscigenação com índios não livra cafuzos da segregação



Dona Vitalina cumpre o ritual para benzer o cacique

Adão Pinheiro

RIO DO SUL — A falsa imagem do paraíso multirracial com que ainda se costuma identificar o Brasil cai por terra quando se conhece as 33 famílias de cafuzos (mestiços de negros com índios) da Reserva Indígena Duque de Caxias. Entre elas o preconceito e a discriminação não se verificam apenas por parte do branco contra os negros. Manifesta-se também da parte dos negros contra os brancos.

Na reserva, o negro que hoje comemora 104º ano da Abolição da Escravatura, a exemplo das demais regiões do Brasil, como ser social brasileiro é relegado a um segundo plano. A própria Lei Aurea, continha dois artigos: o primeiro abolindo a escravidão e o segundo re-

vogando disposições contrárias. Depois de ser escravo o negro foi abandonado à própria sorte, e mesmo sendo este um estado onde a democracia racial é regulamentada por lei o racismo apesar de mal disfarçado existe.

A situação das 33 famílias de cafuzos da reserva é única no Alto Vale do Itajaí. Vivendo em uma área de encosta de morro, com pouco mais de 30 hectares, as famílias de cafuzos são vistas como um objeto exótico e depreciativo, e poucos são os que os visualizam como sujeito.

PUROS

Os próprios índios da reserva, com quem a grande maioria foi miscigenada, alegam que as famílias de cafuzos na verdade

são negros "puros", descendentes dos norte-africanos que chegaram no Brasil ainda durante a escravatura. "Eles não têm nada de índio", discrimina o cacique João Patté, da Aldeia Xokleng.

Mesmo assim, os cafuzos orgulham-se de sua raça, cultivam resquícios de suas origens como as religiões africanas, e começam a se organizar. Os trabalhos na terra são feitos de forma comunitária e há uma ajuda mútua entre todos. "Aqui dividimos tudo", define o cacique cafunzo João de Jesus, 51 anos, líder das famílias.

O cacique ressalta que os cafuzos vivem na reserva há cerca de 50 anos, após terem sido expulsos de uma área de terra onde residiam no interior de Ibirama (hoje Vitor Meireles). "Na época o chefe dos Xoklengues aceitou nossa permanência na reserva sob a condição de ajudarmos os índios", diz. Os cafuzos, segundo o cacique, ajudavam os índios a plantar.

ERA DA PEDRA

Atualmente o convívio entre cafuzos e índios é "pacífico" embora as diferenças econômicas entre as duas etnias salte aos olhos. Enquanto na aldeia indígena se encontram carros, luz elétrica e maquinários agrícolas, na área dos cafuzos é raro se ver uma enxada. Algumas famílias de cafuzos trabalham com os índios para "ganhar" algum dinheiro. As condições de trabalho lembram o regime escravocrata. O cacique João de Jesus, no entanto, é reticente quando perguntado sobre este relacionamento e prefere responder dizendo: "Seria melhor que tivéssemos uma área de terra para nós trabalharmos, pois assim o nosso nível de vida melhoraria".

Além de adotarem um estilo de vida que lembra a "era da pedra" os cafuzos moram em casebres de madeira que não ultrapassam a 40 metros quadrados, cheios de buracos e sem qualquer infra-estrutura. A aldeia das famílias está a 22 quilômetros do médico mais próximo, caminho que é percorrido por uma estrada de chão batido, na maioria das vezes a pé.

SUBSISTÊNCIA

João da Silva argumenta que nos últimos tempos as famílias começaram a receber assistência médica no posto de saúde da reserva indígena.

"Nós até já conseguimos internações em hospitais da região, como o de Ibirama", frisa.

Donos de um modelo agrícola totalmente voltado para a subsistência, os cafuzos dedicam-se ao plantio de milho, feijão, apim (mandioca) e batata. Alguns arriscam a criar patos, galinhas e vacas de leite. Quando precisam de dinheiro trabalham em propriedades agrícolas da região, onde um grupo de três pessoas consegue em dez dias arrecadar até Cr\$ 309 mil.

Em média, as famílias de cafuzos possuem oito filhos e em função da maioria ser parente não são raros os casos de deficientes mentais na tribo, resultados de casamentos entre primos, por exemplo. As crianças, conforme João de Jesus, frequentam a escola da aldeia indígena mas o índice de analfabetismo entre as famílias de cafuzos é elevado. O próprio cacique João de Jesus é analfabeto, quando muito faz algumas contas de cabeça.

O caráter social da participação do cafunzo na sociedade brasileira, segundo os antropólogos, atualmente ainda é de fazer parte da infra-estrutura, servindo sempre à classe dominadora e ocupando posições subalternas. Contudo, o modelo político adotado entre as famílias da reserva Duque de Caxias poderia muito bem ser aplicado no País.

Eleito para um mandato de três anos, o cacique dos cafuzos tem seu desempenho avaliado a cada seis meses, e uma decisão do grupo durante um desses encontros pode derrubá-lo do cargo. A partir dos 16 anos todos os integrantes das famílias têm direito a voto.

A eleição ocorre sempre no dia 13 de maio, e nos anos que não há sufrágios na data os cafuzos se reúnem na casa do cacique para refletirem sobre a importância da Abolição da Escravatura para a aldeia, principalmente.

O sucesso da luta conjunta dos cafuzos pode levá-los a uma área de terra no interior de Timbó, no meio Vale do Itajaí. O Inera - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, em junho do ano passado desapropriou uma área de 650 hectares naquele município para assentar os cafuzos. O assentamento, segundo o cacique ainda não ocorreu porque o Inera "está sem dinheiro", e "nós não temos recursos para fazer a mudança", complementa.



Vitalina não deixa o cigarro nem perde o bom humor

Lembranças do Contestado

A história dos cafuzos da Reserva Indígena Duque de Caxias é praticamente a mesma da anciã Vitalina Souza Prestes, com aproximadamente cem anos. Sem certidão de nascimento e muito menos documento que comprove a sua idade, Vitalina se orgulha de ter participado da Guerra do Contestado.

(1912 A 1916)

Mãe de seis filhos (quatro deficientes), Vitalina conta que participou da guerra ao lado de seu pai, defendendo o Estado durante três anos, indo posteriormente residir em uma área de terra no interior de Ibirama, de onde foi expulsa para a reserva.

Filha de gaúchos, Vitalina esta presente na vida de praticamente todos os cafuzos da reserva, e enquanto queima o cigarro de palha, receita uma erva de chá para dor de estômago, benze contra dores de cabeça e faz trocadilhos com o nome: "Quando era pequena prestava, agora não sei se presta, diz, ao falar de seu sobrenome, Prestes.

Vitalina em toda a sua existência desconhece o que é um médico: "Nunca precisei de médico e quero morrer em casa", confessa, lembrando que os filhos têm obrigação de enterrá-la sem levá-la a um médico. A anciã não tem receita para a longevidade mas diz que nunca tomou café e não dispensa o chimarrão acompanhado de uma boa erva de chá.